



GRUPO A



No estádio de três Copas, México derrota África do Sul no confronto inaugural

# Azteca revive êxtase

LUCAS ALARCÃO\*

O Estádio Azteca carrega o peso de décadas de história. As arquibancadas da arena testemunharam Pelé alcançar a eternidade com o tricampeonato brasileiro em 1970 e viram Diego Maradona desafiar os limites entre genialidade e controvérsia ao protagonizar a célebre 'Mão de Deus' diante da Inglaterra, em 1986. Naquele mesmo Mundial, o argentino ergueria a taça sob o céu da Cidade do México. Poucos palcos no esporte reuniram tantos momentos capazes de atravessar gerações. O Azteca não é apenas um estádio, mas um arquivo vivo das maiores lendas produzidas pelo futebol. Nesse cenário, onde o passado parece ecoar a cada partida do presente, a Copa do Mundo de 2026 teve início, ontem, com vitória do México sobre a África do Sul por 2 x 0.

Antes de a bola rolar, o estádio reviveu a aura da memória de Pelé e Maradona, dois gênios que ajudaram a transformar aquele gramado em território sagrado. O que vai ao encontro a uma das tradições mais profundas da cultura mexicana, que enxerga a morte não como uma despedida marcada pela tristeza, mas como uma conexão com as lembranças e uma celebração da vida daqueles que partiram. Com esse enredo, torcedores e jogadores chegavam à arena.

A maior Copa do Mundo da história, agora com 48 seleções e dividida entre México, Estados Unidos e Canadá, escolheu iniciar a jornada onde o futebol foi mito, arte e eternidade. Como se, antes de criar novas lendas, precisasse reverenciar o palco que ajudou a consagrar as antigas. Em meio às tensões políticas nos Estados Unidos, à violência que assombra o México — evidenciada pelos confrontos entre manifestantes e policiais nos arredores do Azteca durante a partida — e às incertezas de um mundo em constante ebulição, a Copa, enfim, começou. E, até 19 de julho, o futebol terá a rara capacidade de fazer bilhões de olhos mirarem para a mesma direção.

Às 16h05, com certo atraso, a espera terminou. Os 83.264 olhares do Azteca repousavam sobre o centro

Carl de Souza/AFP



Nascido na Colômbia, Julián Quiñones se naturalizou mexicano em 2023 e marcou o primeiro gol deste Mundial aos 8 minutos e 32 segundos

do gramado. Com o apito inicial, Wilton Pereira Sampaio entrou para a história como o primeiro árbitro brasileiro a comandar a abertura de uma Copa do Mundo. Em festa, a torcida mexicana lançou sombreros ao campo e embalou a equipe ao som de "olé". Aos três minutos, Raúl Jiménez quase marcou o primeiro gol do Mundial, mas o goleiro William evitou o lance e protagonizou a primeira defesa da Copa de 2026.

O México não pretendia conceder respiro aos sul-africanos. Aos nove minutos, a festa no Azteca ganhou voz própria. Julián Quiñones marcou primeiro gol deste Mundial. Com um chute rasteiro e preciso, o camisa 16 venceu o goleiro William e colocou os donos da casa em vantagem.

O Azteca pulsava em sintonia com os 11 mexicanos em campo. Cada passe era celebrado como um



Camisa 9 mexicano, Raúl Jiménez foi às lágrimas após gol de cabeça

gol, cada recuperação de bola arrancava aplausos. Quiñones tentou novamente de longe e viu a finalização cortar o ar a centímetros da trave. A África do Sul se perdia nos próprios erros, enquanto o México

controlava a bola e o tempo. Apenas aos 37 minutos da etapa inicial, a África do Sul chegou à primeira finalização do jogo. Foster cabeceou mal, por cima do gol. Contudo, a resposta dos mandantes foi

mais incisiva. Aos 41, Quiñones, nome do jogo, chutou na trave direita do goleiro Williams.

## Vantagem ampliada

Logo na volta dos vestiários, um lance mudou o rumo da partida. Após lançamento em profundidade, Gutiérrez disparou livre em direção ao gol. Sem alternativas, o volante Sithole o derrubou na entrada da área. Último homem da defesa, viu o árbitro brasileiro Wilton Pereira Sampaio erguer o cartão vermelho, deixando a África do Sul com um jogador a menos durante toda a etapa final.

Com a vantagem numérica em campo, o México encontrou ainda mais espaço para transformar a superioridade em gols. Aos poucos, o caminho até a meta sul-afrí-



## MÉXICO 2

Tala Rangel; Israel Reyes, Montes, Vásquez e Gallardo; Érik Lira (Edson Álvarez), Gutiérrez (Luis Chávez) e Fidalgo (Gilberto Mora); Alvarado, Raúl Jiménez (Armando González) e Quiñones (Vega)  
**Técnico:** Javier Aguirre



## ÁFRICA DO SUL 0

Williams; Mudau, Okon, Sibisi, Mbokazi, Modiba (Appollis) e Mokoena; Sithole, Adams (Zwane); Foster (Mbatshali) e Rayners (Makgopa)  
**Técnico:** Hugo Broos

**Público:** 80.624 presentes  
**Árbitro:** Wilton Pereira Sampaio (BRA)

cana se abriu. Aos 21, após cruzamento preciso de Alvarado, Raúl Jiménez surgiu na área e testou firme para ampliar o placar: 2 x 0. Não foi apenas um gol... Ao ver a bola balançar as redes, o camisa 9 desabou em lágrimas.

Aos 35, outra baixa para a África do Sul. Em lance sem bola, o meio-campista Zwane acertou o rosto de Alvarado. Wilton Pereira Sampaio foi ao VAR e decidiu mostrar o segundo cartão vermelho da partida. Mas as expulsões não se restringiram aos sul-africanos. Após interromper ataque adversário, Montes também foi aos vestiários mais cedo.

Apesar do cartão vermelho, os donos da casa venceram a África do Sul por 2 x 0, garantindo a festa mexicana. Entre cantos, bandeiras e a esperança de um país inteiro, o México escreveu o primeiro capítulo desta Copa do Mundo. O Estádio Azteca, testemunha de tantas histórias eternas, ganhou mais uma para guardar nas memórias. (L.A.)

\* Estagiário sob a supervisão de Fernando Brito

## Espectáculo grandioso e emocionante na cerimônia de abertura do Mundial

Rodrigo Oropeza/AFP



Uma taça tamanho gigante brilhou no centro do gramado do estádio



Explosão de cores e arquibancadas lotadas para assistir ao jogo

Rodrigo Oropeza/AFP



A colombiana Shakira e dançarinas fizeram a alegria do público

Rodrigo Oropeza/AFP



Música: o italiano Andrea Bocelli e a sul-coreana-americana Ejae



Cultura ancestral mexicana foi lembrada em diversos momentos